

Por.— Origina-se der *per* e de *pro* simultaneamente dahi as differenças capitaes do uso :

Veio *por* campos (*per*).

Veio *por* intendente (*pro*).

A.— Indica relações de toda a especie : ir *a* Roma ; morrer *a* fome.

A preposição *a* do seculo XVI em muitos empregos foi substituida por *para com*. Eis a regencia de alguns adjectivos, como se vê da *Grammatica* de João de Barros:

Manso *aos* humildes.

Cruel *aos* fortes.

Irascivel *aos* timidos,

Hoje se diz: *manso para com os humildes*, etc. Ainda alguns adjectivos verbaes conservam a regencia antiga: *inutil* ao homem, etc.

Contra, no sentido originario de *defronte*, *em frente*, é muito usual na lingua. Eis a syntaxe do seculo XIV:

— E tornou o rosto *contra* hu vinham os christãos (1).

— El-Rei Almoçadem, disse muyta alta voz, os olhos *contra* o céu. (2)

Sómente, no seculo XVI, era preposição e equivalia a *excepto*, como se vê constantemente em Barros : Salvaram-se todos os malabares, *sómente* tres ou quatro (III, 1, 4). Vendo que nenhuma cousa havia para a cal, *sómente* a ostra... (III, II, 2).

Senão tinha a equivalencia de *excepto*: Sossobrou o esquife e todos se salvarão, *senão* elles (II, VIII, 6).

(1-2) Os dous excerptos se acham na *descripção* da batalha de Salado — apud. *L. de linh. do Coll. dos Nobres*.

DIFFICULDADES DE CONCORDANCIA

As grandes difficuldades que realmente existem na syntaxe de concordancia resultam de que nem sempre os factos observados se acham de acôrdo com os principios geraes da logica commum.

Os principios logicos que se referem á concordancia do verbo com o sujeito, e do adjectivo com o substantivo, são os tres seguintes:

1.º *Dous ou mais sujeitos equivalem a um sujeito do plural.* Pedro e Antonio estão doentes.

2.º *Dous ou mais substantivos de differentes generos equivalem a um substantivo masculino do plural.* A gloria e o saber são co-biçados.

3.º *Em concurrencia de varias pessoas, a segunda é preferida á terceira e a primeira a todas as outras.* Tu e Pedro não dormistes. Pedro e eu dormimos.

EXCEPÇÕES

A. Quando duas idéas formam collectivamente uma noção unica, os nomes que as exprimem equivalem a um substantivo singular. Ex.: O movimento social consiste nesse *fluxo e refluxo* sem o qual seria impossivel o progresso.

B. Quando se usam etymologicamente fórmulas neutras como sujeitos, é admissivel a concordancia no singular: *Isto e o que* veio depois, *trouxe* a esperanza aos naufragos.

C. Os infinitivos, substantivamente como sujeitos, representam fórmulas neutras e por isso seguem a regra antecedente. Ex.: *Comer, andar, e dormir*, é proveitoso á saude.

Usando do artigo, é preferivel a concordancia logica: *o comer, o andar e o dormir* são proveitosos á saude.

D. Qualquer numero de proposições subordinadas pelo annun-ciativo *que*, concordam em singular: Não é admissivel *que* o crime seja commettido e *que* o criminoso viva impune.—Que Socrates nada escrevesse, e *que* Platão expoz as doutrinas de Socrates, é sabido.

E. As excepções ou regras B, C, D, são violadas quando o attributo da proposição exprime reciprocidade: *Isto e o que* Victor escreveu, não *estão* de acôrdo. *Dormir e japerender* são cousas incompativeis. *Que* o homem seja livre e *que* seja igualmente escravo, *repugnam*.

F. O verbo quando precede a varios sujeitos do singular, póde pôr-se no singular: *Veio a chuva, o trovão e a tempestade.*

Excepto, quando os sujeitos são pessoas: *Vieram Julio e Antonio e não: veio Julio e Antonio.*

Póde-se usar, todavia, a concordancia do singular intercalando algumas palavras que designam qualquer circumstancia: *Veio Julio e logo depois Antonio.*

G. Quando o verbo está collocado entre varios sujeitos, o que é raro, a concordancia se faz com o sujeito com o qual se expressa o verbo. Ex.: *A causa da religião nos leva, e a do nosso rei, a conquistar regiões desconhecidas.*

H. O adjectivo que especifica a varios substantivos singulares precedentes, todos do mesmo genero, deve ir para o plural: *Ambição e ousadia imperdoaveis.* Quando os substantivos são de generos differentes ha concordancia logica ou concorda com o ultimo.

talento e habilidade raros
talento e habilidade rara.

A concordancia logica é preferivel collocando proxima ao adjectivo a palavra masculina:

habilidade e talento raros.

Se, porém, os substantivos são do plural, o adjectivo sempre concorda com o ultimo substantivo:

talentos e habilidades raras
e não: raros.

I. Quando os nomes de titulos são femininos, é de rigor a concordancia por syllepse. Ex.: *V. Excellencia está enganado.*
S. Magestade estava enfermo.

Exceptua-se o caso em que o adjectivo faça parte do titulo: *S. Magestade Catholica ou Fidelíssima.*

J. Quando occorre um colectivo do singular modificado por um complemento regido de *de*, o verbo vae para o plural: *nasceram-lhe pelo corpo uma especie de ulceras. Parte dos prisioneiros foram massacrados. Um numero consideravel de indios pereceram.*

K. Ha um caso notavel de syllepse em que se reproduz no plural nma idéa que foi exposta no singular. Ex: *Luiz escreveu uma ode admiravel como sabia escrevel-as. Antonio sahuiu e com-*

prou um pão aonde os vendiam. Não compres *livro* sómente pelo titulo, ainda que *pareçam bons*, são muitas vezes *pessimos*, etc.

L. O verbo *ser* só constitue predicado quando vem com o attributo : *é bom, é príncipe*, etc. Por isso, muitas vezes o verbo concorda com o predicado : tudo *eram flôres*. *O que elle tinha eram febres*.

Alguns grammaticos sophismam o facto da attracção do predicado sobre o verbo *ser* dizendo que na proposição *o dinheiro é um bem fugitivo*—o sujeito é *o dinheiro*; e logo depois na proposição—*o dinheiro são bens fugitivos*—o sujeito é *bens*. A verdade, porém, é outra, e resulta de que a predicação nos verbos completos *amar, receber*, é constituído por esses proprios verbos: *Pedro ama*. Com o verbo *ser*, a predicação só existe quando occorre um attributo : *Pedro—é amante*. O attributo é por assim dizer uma immanencia do verbo substantivo e, em geral, lhe é subordinado. (1)

M. Ha certos casos em que uma phrase pôde ter dous sujeitos de diversos numeros, e então a concordancia é arbitraria. Ex: *Deve-se promulgar as leis* ou *devem-se promulgar as leis*.—No primeiro caso, o sujeito é *promulgar*, no segundo, *as leis*.

Quando porém o sentido determinar exctamente o sujeito verdadeiro, a concordancia não pôde ser arbitraria. Ex: *Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o unico sujeito possível é *inverter*.

Da mesma fôrma deve se dizer: *intenta-se demolir aquelles morros*, e não *intentam-se*.

N. Os nomes geographicos do plural, quando significam uma unidade, rio, cabo, monte ou povoação, figuram como do singular : *Campos* é proximo do Rio. *Buenos-Airos está* na embocadura do Prata. O fertil *Amazonas*..

Ha excepção quando os nomes exprimem collectividade de montanhas. *paizes* etc. Os *Estados-Unidos* de novo *fizeram* a paz. Os *Andes* de sul a norte *marginam* o littoral do Oceano Pacifico. Os *Alpes* nevam. (2)

(1) Por isso são correctas as phrases: Quem bate? *Sou eu*. São 18 do mez. *São ônze* horas da noite, etc.

(2) Andres Bello — *Gram. cast.*—donde extrahimos varios casos.

LIÇÃO XXXVIII

Syntaxe do verbo «haver» e do pronome «se».

A syntaxe do verbo *haver* constitue o que se poderia chamar *idiotismo* da lingua, como já tem sido denominado. Mas a syntaxe daquelle verbo por mais anomala que pareça acha-se sufficientemente explicada.

Nas phrases:

Ha homens.

Houve occasiões.

Haverd votos?

Para os que sustentam a opinião de que o verbo *haver* significa *existir*, aquellas sentenças interpretam-se do seguinte modo:

Existem homens.

Existiram occasiões.

Existirão votos.

Neste caso é forçoso admittir que *homens*, *ocasiões*, *votos*, são verdadeiros sujeitos, que escapam á concordancia grammatical, constituindo desta arte um *idiotismo* syntactico.

A etymologia do verbo *haver*, porém, indica que a forma primitiva no latim era *habere* e significa *ter*.

Cópias habet.

(*Tem exercitos*).

A comparação demonstra que o equivalente de *haber* no francez é *avoir* :

Il y a des hommes
Ha homens.

Ora, o verbo *avoir* é derivado de *habere*, como *devoir*, de *debere*. (1)

D'ahi se conclue que se deve interpretar o verbo *haber* com a significação de *ter* e *ou fornecer*

Ha homens=*tem* homens.
Houve dias=*teve* dias.
Haverá votos=*terá* votos.

Assim interpretada desaparece a discordancia e os verbos *homens*, *dias*, *votos* serão considerados complementos directos do verbo *haber*=*ter*, cujo sujeito é elliptico :

O mundo tem homens.
O tempo teve dias.
A sociedade haverá votos.

Semelhante interpretação não é recurso sophistico, é a deducção de factos observados na lingua em diversos periodos, em que *haber* conserva o valor etymologico da significação :

E elle *havia* nome Antão.

C. Mon., 702 v.

O facto do sujeito occulto é analogo ao do sujeito *apparente* que se nota no francez : *il pleut, ce semble, il y a*, etc. O certo e innegavel é que actualmente, fóra da litteratura, o verbo *haber* significa *existir* e não *ter*.

(1) O mesmo succede ás outras linguas romanas.

Essa translação de sentido é real e acha justificação no próprio verbo *ter* que, entre o povo, já significa também haver: *tem dias que...* = *há dias que*, etc. Em outras linguas, como no francez, o verbo *être* tem o valor de *ser* e *estar* cumulativamente.

Ha phrases na lingua usual que conservam nitidamente o significado etymologico de haver. Ex.:

Bem haja o pobre (Deus tenha...)

A expressão *haver filhos*, é consagrada; o substantivo *haveres* (teres, posses) indicam claramente a etymologia.

Os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar*, frequentemente usados e de sentido quasi vago quando auxiliam verbos principaes, naturalmente soffreram entre si a influencia que poderiam exercer uns sobre os outros.

II.—PRONOME — SE

A lingua portugueza construe uma voz média passiva com o reflexivo *se* :

Fizeram-se casas.

Preparou-se a terra.

Escreviam-se cartas.

Esse systema representa uma voz passiva, que seguiu a tradição do processo latino: *amor* = *amo-se*.

Ainda na lingua antiga nota-se a syntaxe pura da passiva com o *se* e o complemento causal :

As cartas *escreveram-se* por elle.

(Foram escriptas por elle.)

Em Barros, *Dccada III*, encontra-se o exemplo seguinte :

...*Se nota pelos mareantes os perigos do mar.*

Houve, sem duvida, erro de concordancia e o escriptor deveria dizer: *se notam (notam-se)*. Mas o que é claro é

o uso de voz passiva com o complemento *pelos mareantes* :

São notados pelos mareantes os perigos.

Esta syntaxe não é rara no seculo XVI, na época dos mais abalisados classicos.

Por influencia da lingua franceza, pela analogia ideologica que existe entre *on dit* e *diz-se*, a syntaxe franceza introduziu-se na lingua e houve escriptores que empregaram a syntaxe :

Diz-se cousas
(Dizem-se cousas).

Os defensores desse gallicismo syntactico procuram explicar a difficuldade considerando como sujeito o pronome *se*.

Esta explicação violenta cantraría a historia da lingua em todos os seus periodos e até ao latim onde o *se*, caso obliquo, não poderia ser sujeito do verbo finito.

No francez: *on dit*, o vocabulo *on* (*homo*) é um nominativo e póde ser, como é effectivamente, o sujeito. Semelhante doutrina, porém, não póde ser applicada á lingua portugueza.

LIÇÃO XXXIX

Da construcção : da ordem das palavras na proposição simples e das proposições simples no periodo composto

O discurso coordena-se ou construe-se de duas maneiras : pela *ordem directa* e pela *ordem inversa*.

A ordem directa, tambem denominada *analytica*, consiste na collocação dos termos da proposição de modo que venha em primeiro lugar o sujeito, depois o verbo, e afinal o attributo.

Exemplos :

—*Deus é omnipotente.*

—*A luz que se nota no brilho dos planetas provém do sol, centro do systema planetario.*

A ordem inversa, tambem denominada *ordem synthetica*, consiste em uma disposição differente da que se nota na *ordem directa*.

Exemplos :

—*Omnipotente é Deus.*

—**Provém do sol, centro do systema planetario, a luz que se nota no brilho dos planetas.**

Como se vê do exemplo, o sujeito luz vem depois do verbo.

Ambas as construcções são peculiares ao portuguez, convindo notar que o respectivo uso não é de todo arbitrario, quer quanto á distribuição dos vocabulos, quer quanto á distribuição das clausulas no periodo.

A *ordem directa* representa a analyse, serve para a linguagem intellectual, philosophica e scientifica. Tem mais clareza e fala mais á razão do que aos sentidos.

A *ordem inversa* representa a synthese, serve para a linguagem da emoção, do sentimento, da arte e da poesia e finalmente da paixão ; é a linguagem dos poetas, oradores e historiadores.

A *ordem directa* é propria do estylo scientifico. Na historia da lingua veremos que a *ordem inversa* predominou no periodo dos seus grandes poetas e litteratos no seculo XVI. Nos seculos seguintes a *ordem directa* vae predominando gradualmente por effeito da decadencia artistica, do progresso da cultura scientifica e notavelmente por causa da influencia franceza.

Nas linguas primitivas a ordem é sempre *inversa*, por isso que o periodo inicial é caracterisado pela intensidade da emoção, da vida affectiva.

A *ordem inversa* é portanto mais antiga e a mais natural, salvo em seus excessos licenciosos e arbitrarios que são intencionalmente produzidos pelos escriptores. Todas as phrases que encerram alguma sentimentalidade são dictadas na *ordem inversa* ; taes como as phrases optativas, exclamativas, imperativas, etc

I.—DA ORDEM DAS PALAVRAS NA ORAÇÃO SIMPLES.

Os termos da proposição, essenciaes, são o sujeito, o verbo e o attributo.

Os termos secundarios são os complementos.

Não é de todo arbitraria a collocação desses termos.

Ha algumas regras ; das quaes as mais notaveis são as seguintes nas proposições simples :

O sujeito colloca-se depois do verbo nas phrases interrogativas, exclamativas, optativas e imperativas :

- Queres *tu* almoçar ? .
- Queira *Deus* protegê-lo !
- Possam *elles* viver !
- Dize *tu* ; dizei *vós*.

Exceptnam-se alguns casos em que é costume dizer : *Deus o abençõe ! um raio te parta ! etc.*

2. Quando ha citação de um trecho ou quando um interlocutor toma a palavra, os sujeitos dos verbos que occorrem como *dizer, replicar, responder, interromper, etc.*, vêm sempre depois:

- Creio, dizia *elle*, que...
- Creio, replicou *Antonio*, que...
- Creio, respondemos *nós*, que... etc.
- A vida, dizia *Socrates*...

3. As proposições que começam por adverbios de ordinario são construidas na ordem inversa :

Aqui esteve *elle* dous annos.
Em vão procurou *Cesar* convencel-o.
Apenas levantaram *elles* a cortina...
Então levantou-se *o rei* e disse.
Hontem desmoronou *uma casa*, etc.

4. Qualquer que seja a ordem de uma proposição, os complementos são inseparaveis das partes que os regem ou exigem :

Ardeu a casa *de Pedro*.
Ponha agua *com sal*.
O homem que é justo é feliz.

A palavra *Pedro* sempre ficará junta á preposição *de*, qualquer que seja a inversão que se opere no primeiro exemplo; e o mesmo se póde affirmar dos outros casos. Quando, porém, o complemento é uma proposição, como succede no ultimo exemplo, a ordem póde ser invertida, por licença, na poesia.

O homem, é feliz, que é justo.

Disse elegantemente o nosso poeta Varella :

Ah! nenhum mago da Chaldeia sábia
A *dôr* abrandará *que me devora* !

5. Ha palavras que têm posição definida no discurso.

O artigo, os demonstrativos, os possessivos, os indefinitos, os determinativos vão sempre antes dos substantivos :

O homem.
As mulheres.
Este livro.
Meu livro.
Alguns homens.
Qualquer homem.
Todo homem.

Do artigo nunca se faz inversão ; nunca se diz em prosa nem em verso : *homem o*. Das outras palavras são permittidas as inversões na poesia e na propria prosa em orações emocionaes : que homem *este* !

Às vezes a inversão pôde dar-se, mas neste caso tambem se opéra a differenciação de sentidos. Por exemplo :

Um *simples* creado.
Um creado *simples*.
Homem *qualquer*.
Qualquer homem.
O homem *todo*.
Todo o homem.

Com os relativos e conjunctivos *que, qual, cujo* é inadmissivel a inversão:

As *quacs* cousas.
Que cousa.
Cuja regra.

E' completamente impossivel, nestes exemplos, inverter a ordem, dizendo *regra cuja, as cousas quacs, etc.*

Na lingua antiga era admissivel a syntaxe de collocação que separou o adjectivo *cujo* de seu referente: —aquelle homem *cuja* era a mulher.—

—

O adjectivo *meio* antepõe-se : *meia arroba, meio litro*. Depois da expressão de unidades, pospõe-se : *duas arrobas e meia, litro e meio*.

No entanto, o symbolo correspondente a *meio* vae sempre reunido aos das unidades : $2\frac{1}{2}$ arrobas, $1\frac{1}{2}$ litro.

O adjectivo *méro* sempre se antepõe: *méro* soldado.

6. As palavras em juxta-posição separada, os compostos e as locuções têm uma ordem de construcção já consagrada pelo uso e que não póde ser invertida :

Ajudante General.

Por onde.

Pouco mais ou menos.

A fim de que.

Desde logo.

Máo grado.

Onde quer que.

Note-se, porém, que a locução *de vez em quando* tem sido invertida em *de quando em vez*.

II.—ORDEM DAS PROPOSIÇÕES SIMPLES NO PERIODO

1. As proposições subordinadas de qualquer especie collocam-se conforme a dependencia em que estão da principal.

A *subordinada substantiva* quando serve de *sujeito*, de ordinario vai depois do verbo :

Era justo que *se retirasse*.

E' lamentavel que *assim procedas*.

A *subordinada substantiva* que serve de *complemento ordinario* vai depois do verbo :

Quero que *estudes*.

Receio que *venham*.

Vi que *se divertiam*.

A *subordinada adjectiva* que se aggrega ao sujeito ou ao complemento vai sempre junto do sujeito no primeiro caso e do predicado no segundo.

O livro *que li* é bom.
Recebi o livro *que escreveste*.

A *subordinada adverbial* não tem collocação definida :

Elle morrerá, *se persistir*.
Se persistir, morrerá.
Logo que sahi, choveu.
Choveu, *logo que sahi*.
Antes de partir, chorou.
Chorou, *antes de partir*.

2. A proposição absoluta fica intercalada quando marca uma citação ou fala de qualquer interlocutor :

A riqueza, *disse Socrates*, é ephemera.
Quero, *exclamou elle*, quero viver.

3. As orações coordenadas são dispostas conforme o sentido e a successão veridica dos factos :

a) *Deus fez a luz ; depois creou a natureza e finalmente formou o homem*.

b) Entrou em combate, luctou heroicamente e morreu.

A idéa obriga a collocação em circumstancias como essas, de sorte que seria impossivel dizer : *morreu, entrou em combate e luctou heroicamente*. Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo dizendo : *Deus finalmente formou o homem, depois creou a natureza*, etc. Assim todas as vezes que os factos têm ordem historica, a sua narração deve tambem seguir em lugares successivos os momentos successivos do tempo.

A conclusão de uma premissa deve ir tambem em ultimo lugar. *Penso, logo existo* é uma phrase que não se póde inverter.

A inversão tem todavia lugar, quando sem offensa da ordem veridica e historica dos factos, a coordenação é feita por conjunção dijunctivas:

Quer elle venha, quer não venha.

Neste caso existe exclusão de um dos dous factos e a ordem historica não soffre injuria alguma.

LIÇÃO XL

Da collocação dos pronomes

Os pronomes obliquos *me, te, se, lhe, nos, vos*, chamam-se *enclíticos* quando são collocados depois do verbo.

Diga-*lhe*.
Arrependi-*me*.

Chamam-se *proclíticos* quando vêm antes do verbo.

Para que *lhe* diga.
Disse que *me* arrependera.

Ao phenomeno de anteposição dá-se o nome de *proclise*; ao phenomeno de posposição o de *enclise*.

Existe um caso em que os pronomes ficam intercalados no vocabulo. E' o que se dá no futuro:

Dir-*te*-ei.
Far-*vos*-ei.

Ao phenomeno de intercalação da fórma obliqua denominam *synclise*. De todos os casos, quer de anteposição, quer de intercalação, quer de posposição, o termo geral que designa as diversas posições dos pronomes é *clises* ou *clise*. (1)

REGRAS DE COLLOCAÇÃO

1. « Sempre que a oração seja negativa ou subordinada, as enclíticas pronominaes passam para antes do verbo:

(1) Estas denominações são gregas, porém mal formadas, excepto as fórmas adjectivas: *enclítico, proclítico, etc.*

Não se *lhes* diz. Para que *nos* digam. Se *lh'* o dissessem. Nunca *vol-o* diria.

α (Neste caso póde metter-se uma palavra ou mais entre a particula e o verbo : Se *lh'o* eu dissesse. Se *lh'o* elles dissessem). Se o verbo fôr do infinito e ligado estreitamente ao outro de quem depende, podem as encliticas estar antes ou depois : Mandou matá-*os* ; mandou-*os* matar ; desejo vel-*a* ; desejo-*a* vêr ; sem querer offendel-*a* ; sem querel-*a* offender, ou sem *a* querer offender.

2. Nunca se dá a posposição depois do participio preterito. Ex. : *tenho-me aperfeiçoado*, e não *tenho aperfeiçoado-me*.

3. Nunca se dá a posposição nos futuros simples : *direi-lhe*, *amarei-o*. Nesses casos ha tmesse ou intercalação : *dir-lhe-ei*, *umal-o-ei*.

4. Quando a subordinação de uma oração fica expressa pela oração principal, dá-se a anteposição das particulas. Notem-se :

Faça-*me* o favor.
Espero que *me* faça o favor.

5. Nas phrases do gerundivo ha anteposição : nas de fórma imperfeita, posposição :

Em *se* levantado...
Levantando-*se*.

6. Com alguns adverbios, como *já*, *antes*, *cá*, *lá*, *sempre*, *assim*, *nunca*, *não*, *bem*, *mais*, *muito*, etc. ha anteposição quando os adverbios ficam antepostos :

Já se disse.
Ainda vos quero.
Tanto se chega.
Bem te avisei.

7. Na expressão considerada como um idiotismo da língua :

Eu *me parece*.

8. Em algumas orações optativas, muito vulgares, quando o sujeito antecede o verbo :

Deus *me* livre.
O diabo *te* leve.
Mal'raio *te* parta.
Bons ventos *o* levem.

Em resumo, ha uma certa attracção do sujeito ou do adverbio de negação, quantidade e tempo, para com o pronome obliquo. A anteposição dos primeiros obriga a anteposição dos ultimos. Provam os exemplos : « Deus me livre, livre-me Deus ; muito se discutiu, discutiu-se muito, etc. » (1)

9. Com os adjectivos *todo, nada, ninguém, nenhum, cada, quaesquer*, e com os quantitativos *tanto, quanto, muito, pouco*, etc. que precedem o verbo, tambem precederão ao verbo os pronomes :

Ninguém *lhe* falou.
Todos *lhe* falaram.
Poucos *se* abstiveram.

10. Em toda a proposição que começa pelo vocabulo *que* (conjunção ou pronome) e pelas variantes *qual, quem, cujo*, etc., ha *proclise*, isto é, anteposição do pronome :

Quem *o* chamou.
Lei, cujo texto *se* comprehende.

11. Com os complementos de *lugar onde, donde*, o pronome póde antepôr-se :

Em Roma *se* vê o Papa.
Onde *se* bebe?

(1) João Ribeiro—*These de concurso* — 1886.

Esta regra tem exemplos em contrario. E pôde-se affirmar que a questão de collocação dos pronomes ainda não ficou resolvida ou porque o phenomeno não fosse observado perfeitamente ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

COMBINAÇÕES

I. As enclíticas *me, te, nos, vos, o*, sendo complemento objectivo, não toleram outra enclítica:

Recommendou-me a vos e não recommendou-me-vos.

II. As enclíticas *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, sendo objecto indirecto, pospõem-se a *se* e antepõem-se a *o*:

Fez-se-me.
Deram-se-lhes.
Contei-lh'o.
Disse-m'o.

As combinações *vol-o, nol-o* são mais usadas antes dos verbos: *quem vol-o disse?*

III. Quando a combinação é anteposta ao verbo, uma das proclíticas pôde ser *se* ou *o*. A *se* antepõe-se a outra; o *o* pospõe-se:

Que m'o censure...
Para que lh'o diria?
O que se vos fez.

IV. Alguns escriptores usam a combinação ternaria ou de tres enclíticas: *Dê-se-lh'a, a esmola.*

LIÇÃO XLI

Das notações syntacticas. Pontuação. Emprego das letras maisculas

Notações syntacticas são os signaes ou symbolos que auxiliam a comprehensão do discurso escripto. (1)

Estas notações são determinadas pelo sentido e pela necessidade de respirar, como diz Roersch. Por isto, estão quasi entregues ao arbitrio do escriptor.

Entre as notações syntacticas convém distinguir tres classes : uma constituida pelos signaes proprios da pontuação, e que determinam as divisões da parte do discurso, a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto* e a *alinea*.

A segunda classe abrange os signaes que exprimem uma emoção ou um movimento psychico, e são os *pontos de reticencia*, o *ponto interrogativo*, e o *exclamativo*.

A terceira classe é constituida por signaes destinados á clareza dos manuscriptos, taes são o *hyphen*, as *aspas*, o *parenthese*, etc.

I.—PRIMEIRA CLASSE

A *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto final* e a *alinea* são signaes da mesma familia e correspondem na leitura a repousos progressivamente mais longos.

(1) As *notações lexicas* ou *prosodicas* referentes ao vocabulo acham-se descriptas na *Lição I. in fine*.

Esta lição foi escripta, exceptuando o commentario historico, segundo a *Gramm.*, de Delbœuf e Roersch (141=148.)